



*O Juízo Final,*  
1675-1700 [Cusco, Peru].  
Óleo sobre tela,  
155 x 200 cm.  
Coleção Collaço Paulo.  
Foto: Eduardo Marques

## EXPOSIÇÃO

# CÉU E TERRA DOS ANDES

SANDRA MAKOWIECKY – ABCA/SC  
BEATRIZ GOUDARD, ESPECIAL PARA  
*ARTE & CRÍTICA*

**RESUMO:** De 3 de dezembro de 2025 a 11 de julho de 2026, o Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação apresenta a exposição “Céu e Terra dos Andes”, em Florianópolis (SC), uma mostra inédita que tem a curadoria de Andrés De Leo e Diana Castillo, ambos do Centro de Pesquisa do Patrimônio da Universidade de Engenharia e Tecnologia (UTEC), do Peru. Os renomados especialistas convidados selecionaram cerca de 40 obras do núcleo de arte andina da Coleção Collaço Paulo, compostas de pinturas, objetos, artefatos, registros audiovisuais e materiais de ateliê. A exposição propõe, com a curadoria de Andrés De Leo e Diana Castillo, descobrir a riqueza espiritual, técnica e simbólica da arte da América Latina.

**PALAVRAS-CHAVE:** arte andina; Instituto Collaço Paulo; Simbolismo da arte na América Latina; riqueza espiritual da arte andina.

**ABSTRACT:** From December 3, 2025 to July 11, 2026, the Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação presents the exhibition “Céu e Terra dos Andes” (Sky and Earth of the Andes), in Florianópolis (SC), a unique show curated by Andrés De Leo and Diana Castillo, both from the Heritage Research Center of the University of Engineering and Technology (UTEC), Peru. The renowned invited specialists selected approximately 40 works from the Andean art core of the Collaço Paulo Collection, comprising paintings, objects, artifacts, audiovisual records, and studio materials. The exhibition aims to discover the spiritual, technical, and symbolic richness of Latin American Art.

**KEYWORDS:** Andean art; Collaço Paulo Institute; Symbolism of art in Latin America; spiritual richness of Andean art.

## AMÉRICA ESPANHOLA

Entre 1500 e 1800, a expansão imperial ibérica, marcada pela conquista, pela colonização e pelo tráfico transatlântico de africanos escravizados, redefiniu de modo profundo e, muitas vezes, violento, as estruturas sociais, políticas e culturais do mundo atlântico. As transformações geopolíticas desencadeadas por esse processo produziram deslocamentos humanos em escala inédita, aproximando continentes e culturas tanto em termos materiais quanto simbólicos. Essa intensificação de contatos, ainda que atravessada por assimetrias e conflitos, impulsionou uma vigorosa remodelação da cultura material nas Américas.

A partir do final do século XV, com o início da colonização espanhola e a implementação do projeto evangelizador cristão, instaurou-se um campo fértil de intercâmbios artísticos. Os artistas atuantes nos territórios americanos passaram a dialogar com múltiplas matrizes culturais (indígenas, europeias, africanas e asiáticas), configurando

uma produção visual híbrida, marcada pela circulação de formas, técnicas e iconografias. Tal dinâmica evidencia a constituição precoce de uma rede global de trocas, na qual objetos, imagens e saberes atravessavam oceanos e fronteiras.

Nesse contexto, residências privadas, assim como instituições cívicas e eclesiásticas, tornaram-se espaços privilegiados de afirmação

simbólica, abrigando tanto artefatos importados quanto produções locais que reinterpretabam modelos europeus à luz de tradições regionais. Na obra apresentada na figura 2, observa-se de maneira particularmente eloquente a presença da influência europeia, perceptível na composição, na iconografia e nos recursos formais adotados, ainda que possivelmente tensionados por adaptações locais.



Figura 1. Divulgação da exposição “Céu e Terra dos Andes”, curadoria de Andrés De Leo e Diana Castillo, 2025/2026. Instituto Collaço Paulo, Florianópolis



Figura 2.  
*Virgem de Pomata*, ca. 1700 [Cusco, Peru]. Óleo sobre tela, 154 x 110,5 cm. Coleção Collaço Paulo. Foto: Eduardo Marques

Importa salientar que as legendas das obras refletem as informações disponíveis no momento da exposição, elaboradas como apoio de especialistas. Não raro, peças arrematadas em leilões, adquiridas em galerias ou provenientes de coleções particulares chegam desacompanhadas de dados completos. Informações relativas à origem, datação e autoria vão sendo gradualmente esclarecidas por meio de pesquisa, nem sempre conduzindo a um grau absoluto de certeza.

No âmbito desta exposição, destaca-se igualmente a riqueza dos debates que ela tem suscitado. A visita de estudiosos e pesquisadores da área, somada às consultas a especialistas, tem possibilitado o acréscimo de novos dados e a revisão de informações anteriormente estabelecidas. A precisão é um horizonte constantemente buscado, ainda que nem sempre plenamente alcançado.

Permanece, contudo, uma convicção: há ainda muito a investigar e aprofundar sobre o tema, tanto no contexto brasileiro quanto em perspectiva mais ampla. Soma-

se a isso a relativa escassez de referências bibliográficas, o que reforça a importância e a urgência de novas pesquisas.

A chamada América Espanhola esteve longe de constituir uma entidade homogênea ou monolítica. Tratava-se, antes, de um vasto e complexo mosaico de territórios, povos, línguas e tradições, atravessado por intensos processos de negociação cultural. Os artistas que ali atuaram, muitos dos quais permaneceram anônimos, não foram meros receptores passivos de modelos europeus, mas agentes criativos que reinterpretaram, adaptaram e transformaram referências estrangeiras à luz de saberes locais. Suas produções revelam estratégias de apropriação e resignificação que desafiam leituras simplificadoras centradas apenas na influência metropolitana.

Sem desconsiderar a violência estrutural que marcou a conquista e a colonização, com seus regimes de exploração, imposição religiosa e hierarquização social, a exposição propõe examinar as dinâmicas sociais,

econômicas e artísticas que emergiram desse contexto. Foi nesse cenário de tensões e intercâmbios que se forjaram linguagens visuais singulares e obras de notável inventividade, muitas das quais circularam amplamente já em sua própria época, alcançando outros centros do mundo atlântico e do Pacífico.

Após a viagem de Cristóvão Colombo em 1492, a monarquia espanhola iniciou um amplo processo de expansão territorial nas Américas, consolidado com a criação dos vice-reinados da Nova Espanha (1535) e do Peru (1542). No auge do império, a Coroa controlava extensas áreas do Caribe, da América Central, grande parte da América do Sul e regiões significativas da América do Norte. A exploração de recursos naturais como prata e ouro e a sistemática utilização de mão de obra indígena e africana escravizada alimentaram uma economia colonial profundamente desigual, mas extraordinariamente lucrativa para a metrópole.

Em 1565, a incorporação das Filipinas à órbita espanhola, sob administração

do Vice-Reino da Nova Espanha, ampliou ainda mais esse horizonte, estabelecendo uma sofisticada rede de trocas que conectava a Ásia, a Europa e as Américas por meio das rotas do Pacífico e do Atlântico. Esse sistema global de circulação de pessoas, mercadorias e imagens foi decisivo para a formação de uma cultura visual híbrida e dinâmica.

Ao explorar a cultura visual e material da América Latina entre os séculos XVI e XIX, a exposição evidencia como pinturas, esculturas, têxteis e artes decorativas não apenas expressam devoção religiosa ou ostentação de poder, mas também revelam a centralidade da América Hispânica na encruzilhada global. As obras apresentadas (Fig. 3) testemunham a potência criativa desses territórios, afirmando-os como espaços de invenção estética e de intensa articulação entre mundos.

A religião exerceu papel central no processo de conquista e colonização espanhola, constituindo-se não apenas como instrumento de evangelização, mas também como



Figura 3.  
*O Juízo Final*,  
1675-1700 [Cusco, Peru].  
Óleo sobre tela,  
155 x 200 cm.  
Coleção Collaço Paulo.  
Foto: Eduardo Marques

eixo estruturador das novas ordens simbólicas e sociais implantadas no continente americano. Missionários de diferentes ordens difundiram a doutrina cristã entre as populações indígenas e recorreram amplamente às imagens como recursos pedagógicos e persuasivos, reconhecendo seu poder de comunicação em contextos multilíngues e interculturais. Pinturas, esculturas e gravuras tornaram-se, assim, mediadoras fundamentais da fé, traduzindo conceitos teológicos em narrativas visuais acessíveis.

Determinados ícones adquiriram particular centralidade nesse processo. A devoção à Virgem de Guadalupe, por exemplo, consolidou-se como um dos fenômenos religiosos mais significativos do mundo hispânico. Inicialmente vinculada à tradição mariana europeia, sua imagem foi progressivamente ressignificada no contexto americano, acumulando camadas de sentido que articularam identidade local, devoção popular e afirmação política. Ao longo do tempo, tornou-se símbolo de pertença e de mediação entre universos culturais distintos.

As vestimentas, por sua vez, constituíam marcadores visíveis das hierarquias sociais, políticas e econômicas que estruturavam as sociedades coloniais, além de expressarem complexas classificações raciais então vigentes. O traje funcionava como linguagem social codificada, indicando posição, origem, estatuto jurídico e pertencimento étnico. Na arte andina, por exemplo, destacam-se as túnicas masculinas elaboradamente tecidas – como os *unkus* associados à nobreza inca –, que evidenciam a sofisticação técnica e simbólica das tradições têxteis pré-colombianas. Em paralelo, suntuosas vestimentas litúrgicas destinadas ao culto católico, ricamente bordadas com seda e fios de ouro e prata, revelam a incorporação de materiais preciosos e o diálogo entre padrões europeus e saberes locais (Fig. 4).

Essas produções têxteis e devocionais não apenas testemunham a centralidade da religião na vida colonial, mas também evidenciam a criatividade com que artistas e artesãos americanos negociaram heranças culturais diversas,

configurando uma visualidade própria, marcada por tensões, adaptações e sínteses originais.

O dinamismo do comércio global entre os séculos XVI e XVIII exerceu influência decisiva sobre a produção artística nos territórios hispano-americanos. A intensa circulação de mercadorias, matérias-primas e objetos de luxo, transportados por rotas atlânticas e pacíficas, estimulou a criação de novas tipologias artísticas, nas quais materiais diversos e repertórios ornamentais provenientes de distintas regiões do mundo eram combinados de maneira inventiva. Marfim asiático, laca oriental, prata americana, pigmentos europeus e técnicas indígenas podiam coexistir numa mesma peça, dando origem a objetos híbridos que expressavam tanto a sofisticação do gosto colonial quanto a complexidade das redes globais que os tornavam possíveis.

Nesse contexto, a chamada “Cultura da Cópia” revela-se fundamental para compreender a prática artística da Idade Moderna. Longe de implicar



Figura 4.  
*Menino Jesus com Coroa de Espinhos*, 1700-1730 [Cusco, Peru]. Óleo sobre tela, 104,5 x 79 cm. Coleção Collaço Paulo. Foto: Eduardo Marques

mera repetição mecânica, a cópia constituía um procedimento legítimo de aprendizagem, difusão e recriação de modelos visuais. Gravuras europeias, frequentemente baseadas em obras de mestres italianos, flamengos ou espanhóis, circularam amplamente pela América espanhola, funcionando como repertórios iconográficos e compositivos para pintores locais. Essas imagens impressas, transportáveis e relativamente acessíveis, serviam como ponto de partida para novas interpretações.

Entretanto, os artistas americanos não se limitaram a reproduzir tais modelos. Ao incorporarem elementos provenientes de suas próprias tradições visuais, sejam indígenas, mestiças ou crioulas, eles introduziram adaptações formais, alterações iconográficas e soluções cromáticas específicas. O resultado foram composições que, embora dialogassem com matrizes europeias, afirmavam identidades locais e respondiam a demandas devocionais, sociais e políticas específicas dos vice-reinados.

Consideradas em conjunto, essas obras oferecem uma perspectiva mais abrangente sobre o papel central e multifacetado das artes nas sociedades coloniais. Elas não apenas decoravam igrejas, palácios e residências, mas também mediavam crenças, afirmavam hierarquias, consolidavam identidades e articulavam pertencimentos em um mundo profundamente interconectado. Assim, as produções apresentadas (Fig. 5) evidenciam como os vice-reinados foram espaços de intensa experimentação estética e de criativa negociação cultural no interior da primeira globalização moderna.

O recorte curatorial privilegia o período virreinal, momento decisivo na configuração política, cultural e artística da América Espanhola. Em 1543, a Coroa instituiu o Vice-Reino do Peru, estrutura administrativa destinada a governar vastas extensões da América do Sul. A partir de Lima, irradiava-se o controle sobre territórios que hoje correspondem ao Peru, Panamá, Colômbia, Equador, Paraguai, Argentina, Uruguai, parte da Bolívia e, em determinados períodos, a Venezuela. Esse amplo domínio não



Figura 5. *Nossa Senhora da Conceição*, século XVII. Óleo sobre tela, 137,5 x 137,5 cm. Coleção Collaço Paulo. Foto: Eduardo Marques

apenas organizou a administração colonial, mas também moldou circuitos econômicos, religiosos e artísticos que marcaram profundamente a produção visual andina.

O título “Céu e Terra dos Andes” sintetiza o eixo conceitual da mostra ao articular duas dimensões complementares. De um lado, o “céu” evoca o espaço celestial como horizonte simbólico da fé cristã: domínio dos anjos, das virtudes teológicas, dos ciclos marianos e da promessa de salvação. De outro, a “terra” remete à materialidade concreta dessa produção: o trabalho dos artífices, a utilização de pigmentos minerais e vegetais, as técnicas transmitidas por gerações e a persistência de práticas indígenas que reinterpretaram formas e modelos europeus. Entre o transcendente e o sensorial, a arte andina afirma-se como campo de síntese, tensão e invenção.

A seleção, realizada pelos especialistas convidados Andrés De Leo e Diana Castillo, reúne cerca de quarenta obras do Núcleo de Arte Andina da Coleção Collaço Paulo. O

conjunto abrange pinturas, objetos, artefatos, registros audiovisuais e materiais de ateliê, compondo um panorama que evidencia a complexidade técnica e simbólica dessas produções. A exposição convida o público a reconhecer a densidade espiritual e a sofisticação formal da arte latino-americana, ressaltando o caráter generativo da América Espanhola e sua posição estratégica como encruzilhada global de saberes, materiais e imagens.

Diana Castillo é arquiteta especializada em conservação e gestão do patrimônio cultural, doutora em História da Arte pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Atua como pesquisadora no Centro de Pesquisa e Conservação do Patrimônio e como professora na Universidade de Engenharia e Tecnologia do Peru (UTEC), desenvolvendo projetos voltados à preservação e difusão do patrimônio andino.

Andrés De Leo, também arquiteto, formou-se pela UABJO (México) e obteve o mestrado e o doutorado em História da Arte pela UNAM, com menção honrosa e reconhecimento por

mérito acadêmico. Durante 17 anos, colaborou no projeto “Catálogo de Bens Artísticos com Valor Patrimonial Contidos em Recintos Religiosos”, do Instituto de Investigações Estéticas da UNAM, contribuindo para o mapeamento e a valorização do patrimônio artístico religioso.

Atenta ao crescente interesse do público pelo acesso às obras do período virreinal, a exposição “Céu e Terra dos Andes” insere-se no propósito do Instituto Collaço Paulo de promover o diálogo entre arte e educação, assim como no compromisso da UTEC de difundir internacionalmente o conhecimento sobre o patrimônio cultural peruano. A colaboração entre o Instituto Collaço Paulo e a UTEC consolida uma ponte acadêmica e cultural entre Peru e Brasil, fortalecendo intercâmbios e ampliando horizontes de pesquisa e fruição artística.

Segundo os curadores, a mostra propõe um entrelaçamento sensível entre pinturas e representações de esculturas veneradas em santuários, bem como imagens das hostes celestes, de santos e anjos reinterpretados no

imaginário andino. Trata-se de um campo visual no qual tradições europeias são apropriadas e reconfiguradas à luz de experiências locais. Cada obra integra uma urdidura formal e iconográfica de matriz europeia que, nos Andes, adquire novas agências, cromatismos e densidades simbólicas.

A pintura andina é, assim, apresentada não como simples transposição de modelos importados, mas como espaço ativo de reinvenção. Ao reinterpretar composições, adaptar narrativas e incorporar sensibilidades próprias, os artistas afirmam uma produção pictórica dotada de autonomia criativa. Esse processo inaugura um percurso singular na história da arte: um trânsito contínuo entre a devoção terrena, ancorada em práticas comunitárias e rituais locais e a visão celestial, horizonte transcendente da fé cristã.

Organizada em cinco núcleos temáticos, a exposição desenvolve e aprofunda os múltiplos caminhos da arte virreinal. Destacam-se as pinturas devocionais estruturadas por composições que incluem velas, flores e

cortinas, elementos que intensificam a teatralidade sagrada e evocam o espaço litúrgico. Sobressai também a tradição dos anjos arcabuzeiros, vistos como guerreiros celestes representados com arcabuzes e trajes cortesãos, cuja iconografia funde imaginários militares europeus e códigos visuais andinos, conferindo nova expressividade às hierarquias celestes.

Outro eixo relevante aborda as representações da batalha espiritual entre o bem e o mal, frequentemente articuladas a cenas de doutrinação e exemplificação moral. Por fim, o ciclo mariano percorre episódios que vão da Anunciação à coroação da “Rainha do Céu” (Fig. 6), reafirmando a centralidade da Virgem na espiritualidade andina e a riqueza narrativa que envolve sua trajetória iconográfica.

A experiência expositiva amplia-se com a inclusão de um vídeo dedicado à Procissão do Senhor dos Tremores, realizada em 2 de abril de 2012, acompanhado do canto em quíchua *Apuyaya Jesucristo*, interpretado por Ricardo Castro Pinto (Cusco, Peru). A presença da língua indígena

na performance musical reforça a continuidade entre tradição colonial e práticas contemporâneas de fé. Próximo ao dispositivo de exibição, uma instalação composta por velas coloridas concentra simbolicamente os elementos característicos da procissão, criando um ambiente imersivo que articula imagem, som e ritualidade. Dessa forma, a mostra transcende a dimensão histórica e convida o visitante a experimentar a vitalidade persistente dessas manifestações no presente.

### PASSADO E PRESENTE

A tensão produtiva entre passado e presente constitui um dos eixos mais fecundos das práticas curatoriais contemporâneas. Longe de ser mero expediente didático, essa aproximação opera como dispositivo crítico, capaz de ativar leituras renovadas tanto do legado histórico quanto das urgências do presente. É nesse horizonte que se insere a mais recente obra incorporada à Coleção Collaço Paulo.

Sem romper com a proposta dedicada à arte andina, a exposição amplia



Figura 6.  
*Virgem da Solidão de Madri*, ca. 1650 [Cusco, Peru]. Óleo e douramento sobre tela. 41,4 x 33,1 cm. Coleção Collaço Paulo. Foto Eduardo Marques

seu campo de interlocução ao acolher uma representação brasileira do século XXI: *A Supressão do Santo pelo Ornamento* (2025), óleo e acrílica sobre compensado naval (203,5 × 147 cm), de André Griffó. A presença da obra introduz um contraponto temporal e geográfico que adensa a narrativa expositiva, instaurando novas camadas de diálogo ( Fig. 7).

Nascido no Rio de Janeiro e formado em Arquitetura e Urbanismo, Griffó atua nas artes visuais desde 2009, com uma produção que transita entre escultura, instalação e pintura. Sua pesquisa investiga criticamente mecanismos de dominação e controle, com especial atenção ao papel simbólico e institucional da religião. Articulando referências históricas e contemporâneas, o artista expõe estruturas de violência e poder, fazendo do detalhe um campo de intensificação semântica.

A pintura, densa e vigorosa, solicita do observador um olhar demorado. É no exame atento que se revela o jogo entre o documental e o ficcional, estratégia que tensiona a narrativa



Figura 7.  
André Griffo.  
*A Supressão do Santo  
pelo Ornamento*,  
2025 [Brasil].  
Óleo e acrílica sobre  
compensado naval.  
203,5 x 147 cm.  
Coleção Collaço Paulo.  
Foto: Eduardo Marques

hegemônica da história brasileira. Ruínas, vestígios e sobreposições visuais evocam os impactos da economia escravocrata na formação social do país e problematizam as implicações das instituições religiosas na construção de imaginários e sistemas simbólicos. Ao instaurar esse campo de fricção entre memória e crítica, a obra não apenas dialoga com o conjunto expositivo, mas também se destaca como um dos núcleos de maior interesse do público.

Impressionam, de igual modo, o público e os estudiosos, tanto o valor quanto a expressiva quantidade de obras reunidas em um único núcleo dessa importante coleção. Tal concentração não apenas evidencia a consistência e a densidade do acervo, como reafirma a relevância histórica e cultural do conjunto apresentado.

Para além da inegável beleza formal das obras e das reflexões que suscitam, ancoradas em um capítulo decisivo da História da América Latina, sobressai o rigor curatorial e a sólida pesquisa que fundamentam a exposição. O trabalho

investigativo que sustenta a seleção, a contextualização e a apresentação das peças amplia o alcance interpretativo do público, oferecendo instrumentos para uma compreensão mais crítica e aprofundada.

Nesse sentido, a exposição transcende a dimensão contemplativa e afirma-se como espaço de produção de conhecimento, de revisão historiográfica e de diálogo entre diferentes temporalidades e perspectivas. Ao articular qualidade artística, densidade histórica e pesquisa qualificada, consolida-se como uma iniciativa de grande importância cultural, capaz de enriquecer o debate acadêmico e sensibilizar públicos diversos.

## REFERÊNCIAS

Exposição aproxima Brasil e Peru pela arte virreinal. Disponível em < <https://www.imagemdailha.com.br/agenda/4437/exposicao-aproxima-brasil-e-peru-pela-arte-virreinal.html>>. Acesso em 03 dez. 2025.

Instituto Collaço Paulo inaugura exposição dedicada à arte andina. Disponível em <<https://arqsc.com.br/instituto-collaco-paulo-inaugura-exposicao-dedicada-a-arte-andina/>>. Acesso em 10 dez..2025.

Site oficial do Instituto Collaço Paulo - Disponível em <<https://institutocollacopaulo.com.br/>>. Acesso em 8 fev. 2026.

Página oficial do Frist Art Museum – Art and Imagination in Spanish America – 1500-1800. Highlights from LACMAS’s Collection. Disponível em <<https://fristartmuseum.org/exhibition/art-and-imagination-in-spanish-america/>>. Acesso em out. 2025.

## SANDRA MAKOWIECKY

Professora titular aposentada da UDESC – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). Presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte – ABCA (2022-2024). Coordenou o Museu da Escola Catarinense em três gestões (2012-2016; 2016-2020; 2020-2024).

Possui diversas publicações, sobretudo na área de Artes. Atualmente coordena o Passeio Cultural Primavera e integra o Conselho do Instituto Collaço Paulo. Como destaques, podemos citar: Prêmio Gonzaga Duque, atribuído pela ABCA em 2015; Prêmio Confap de Ciência, Tecnologia e Inovação em 2021 e Prêmio Fritz Muller, pesquisador destaque na área de Linguística, Letras e Artes no Estado de Santa Catarina, no ano de 2022.

## BEATRIZ GOUDARD

Professora adjunta do Centro de Educação a Distância (CEAD) da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Tem experiência na área de planejamento urbano, estudo sobre história das cidades, avaliação ambiental e matemática, além de atuar na área administrativa da Universidade. No período de 2015 a 2024 atuou junto ao Museu da Escola Catarinense, participando da elaboração do Plano Museológico e implantando a catalogação do acervo pelo sistema Pergamum. Tem desenvolvido pesquisas e publicações sobre o Museu da Escola Catarinense e outros museus-escolas. Auxiliou na concepção do Tour Virtual do Museu da Escola Catarinense. Participa do grupo de pesquisa “História da Arte: Imagem – Acontecimento” cadastrado no CNPq, liderado por Sandra Makowiecky.